

Stadium

N.º 121 ★ 28 DE MARÇO DE 1945

NESTE
NÚMERO
—
MAIS UMA
SEPARATA:
PALMEIRO
Capitão do
OLHANENSE

—
STADIUM
CUSTA EM
TODO O PAÍS
1\$50

SPORTING-BELENENSES

A. Marques, no momento em que ia rematar um centro de J. Correia, é surpreendido pelo corajoso Capela, que lhe arrebatou a bola. Vasco chegou tarde para ajudar o seu guarda-rêdes.



NO MUNDO DA BOLA



PELO "Jornalista Desconhecido"

Há resposta
para tudo...

P. 42—Quantas vezes Fernando Peyroteo já teve a honra de vestir a camisola nacional? Contra quem? (Um leão de Viséu).

R. 42—Fernando Peyroteo foi escolhido como avançado-centro para o team português sete vezes. Respektivamente, contra Alemanha, Suíça, França, Espanha, Suíça e Espanha. Carreira bonita.

(Esta resposta entende-se também com J. A. Z., do Faial; José Cordeiro Leal; Um leão curioso, de Pias; e Uma amadora do futebol, do Seixal).

P. 43—Por existir entre mim e uma pessoa amiga dúvidas, digame-se a «Taça Impérios» já foi, ou não, entregue.

E ainda: O médio-direito do Salgueiros, Rebêlo, não será actualmente o melhor do país? (Um portuense).

R. 43—A «Taça Impérios» ainda não foi entregue. Está quase concluída—na oficina.

Não fixámos a nossa atenção em Rebêlo. Não vale exagerar...

P. 44—Sempre se realizará o Portugal-Suíça em futebol? E em que data?

Não seriam Micael-A. Gomes, ou Lourenço (Pôrto)—Gomes da Costa, as melhores asas direitas para a selecção?

Qual é melhor: Teixeira ou Quaresma? (Um adepto de futebol, da Guarda).

R. 44—O Portugal-Suíça realiza-se daqui a dois meses, aproximadamente: a 21 de Maio, uma segunda-feira, no dia santo italiano de Pentecostes.

Trata-se de asas direitas que dificilmente voariam...

Estando os dois jogadores em forma, preferimos Teixeira.

P. 45—Li no jornal que, no último desafio Benfica-Olhansen, o último goal do Benfica tinha sido marcado pelo Rogério na execução de um «canto». Ora eu digo que «canto» e «corner» são a mesma coisa, e outro teimoso afirma que um «canto» é um «lívre» marcado no ângulo da grande área. Será verdade? (De um benfiquense ferrenho, de Lisboa). Pergunta que não obteve resposta, por lapso, no passado número.

R. 45—Quasi que não nos fica bem responder a uma pergunta desta natureza. «Canto» é a tradução portuguesa da palavra «corner». São a mesmíssima coisa. Aconselhe ao teimoso do seu amigo a compra do vocabulário da especialidade do

NA CORUNHA E NA SUÍÇA

Estará o futebol português

à altura de fazer, neste momento, dois encontros fora do país sem correr o mais grave dos riscos?

Já lá vai o Portugal-Espanha de futebol. O tempo apaga todas as recordações. Daqui a pouco, mais alguns dias, e já quasi ninguém se lembrará do grande desafio que, durante hora e meia, como verdadeiro acontecimento nacional, dominou o país. Hora e meia de dias. Porque, é bem de ver, no Estádio Nacional não estiveram todos os adeptos do Jogo, nem se interessaram apenas os que são da bola. Temos a certeza de que, em muitos lares, de gente desportiva ou não, a rádio esteve ligada à Emissora Nacional.

Todavia, dado o ritmo febril da vida, bem cedo o acontecimento se apagará da lembrança de todos, mesmo dos técnicos, desviada a sua atenção para outros caminhos. E, no entanto, o Portugal-Espanha do Estádio Nacional merecia ser cuidadosamente estudado, não se devendo perder um só dos pormenores.

Mais comentário, menos comentário—já lá vai. Continuar-se-á no mesmo sistema de escolha e preparação, verdadeiramente à deriva?

A falta de ligação constituiu o maior defeito do grupo português—filha da própria preparação. Como havia de apresentar conjunto um team que nunca, por assim dizer, se apresentou em conjunto? E propositadamente não queremos apontar os outros erros (erros ou defeitos) suficientemente desfiados pelos homens da técnica.

Ora isto não teria importância se não tivéssemos à porta dois encontros internacionais em que Portugal intervém fora do seu país.

Sem dúvida—jogos bem mais difíceis do que o do Estádio Nacional. Apesar de se dizer em letra de forma, e um pouco inconscientemente, que o ambiente não tem qualquer importância, e que uma equipa, digna desse nome manterá os seus créditos, seja onde for que actue, não há dúvida tratar-se de um elemento que exerce a maior das influências. A prática, pelo menos, assim

senhor dr. Salazar Carreira.

P. 46—Alguns dos jogadores do Sporting (linha de hoje) jogou já no Benfica? (Daniel, sportingista de alma e coração, do Sabugal).

R. 46—Não senhor. Que nervos!

o demonstra—e as teorias como os pensamentos de nada servem quando não correspondem à realidade.

Qualquer dos dois desafios internacionais vai ser muito difícil. Principalmente o da Corunha. A Espanha não deixará de colhêr da lição do Jamôr os ensinamentos devidos, colocando na sua linha homens batalhadores e tão frescos quanto possível—fisicamente. Por lá sabe-se que, sob o ponto de vista de futebol, nos são superiores, importando a escolha de elementos capazes de suportar a hora e meia de esforço. Por outro lado, os espanhóis ardem em desejos—justificados—de exprimirem a sua superioridade futebolística. Já que não perderam em Lisboa—é o seu pensamento—saberão ganhar na Corunha.

Não sabemos como está o futebol na Suíça. Dado, porém, que todos os jogos são difíceis fora de casa, e ainda que o futebol suíço, tão brilhante, não se deverá ter desmantelado, eis outro obstáculo difícil. Daqui a questão.

Estará o futebol português à altura de fazer, neste momento, dois encontros fora do país—com brilho, ou, pelo menos, sem correr o mais grave dos riscos?

O problema deve ser pôsto neste plano. Julgamos sinceramente que não. Não temos, por enquanto, um team internacional para ultrapassar dois obstáculos como os que se nos apresentam. Têm a palavra os dirigentes e os técnicos. Nós não passamos de um desconhecido...

CORRE QUE...

✦ Augusto Silva, o treinador do team nacional, apresentou o seu pedido de demissão. Não estamos por enquanto a par dos fundamentos que o levaram a tomar semelhante decisão.

✦ O Sporting não pôs de lado o problema das suas instalações desportivas, especialmente no que diz respeito ao terreno de futebol.

O projecto já traçado irá por diante—com leves rectificações. ✦ Caíu muito bem a medida federativa de auxiliar vários clubes no arrelvamento dos terrenos de jogo. A avaliar pelo critério já seguido—cada auxílio andarà à volta dos cem contos.

✦ De Armando Ferreira, que regressou ao pátrio lar, diz-se que voltará a jogar. Se assim for—a cirurgia desportiva espanhola conseguiu conquistar um grande êxito. Olé!

✦ Carlos Canuto, injustamente punido e suspenso, regressou aos campos de futebol, e tanto basta para se dizer que—reapareceu um grande árbitro.

A propósito: quando é que António Pathinhas regressará às lides do apito?

✦ Fala-se numa excursão, por mar, em navio português, à Corunha, por alturas do Portugal-Espanha. As boas idéias nem sempre vão por diante!

Há resposta
para tudo...

P. 47—Quantas vezes Gaspar Pinto e João Cruz foram internacionais?

Não acha que Artur de Sousa (Pinga) devia ainda ser seleccionado, pelo seu muito saber e experiência. (Leão alfacinha).

R. 47—Gaspar Pinto, sete vezes; João da Cruz, dez.

Não concordo.

P. 48—Havendo no onze portugueses jogadores mais vezes internacionais e até com um grau de cultura mais elevado, qual a razão porque foi Cardoso escolhido para capitão do onze português? (Laura da Fonseca Fátima, de Venda do Pinheiro).

R. 48—Em Cardoso convergem muitas qualidades para o lugar de capitão. Porque ocupa esse lugar no seu team, dada a sua experiência e o seu saber, e até pela simpatia e prestígio entre os seus camaradas, a escolha não poderia ser melhor.

P. 49—Qual foi, ou é, melhor avançado-centro: Peyroteo ou Espirito Santo?

Quais os três jogadores portugueses que foram mais vezes internacionais, e quantas?

Qual é o jogador português que melhor pratica o dribling? (Alfredo Pereira Bastos, de Padroanelo, Amarante).

R. 49—Peyroteo. Sousa (Pinga), Augusto Silva, e Waldemar Mota, qualquer deles 21 vezes internacional.

Há vários que praticam bem o dribling. Mas nenhum se destaca para se poder dizer afoitamente que é o melhor neste capítulo do jogo!

O encontro Portugal-Espanha foi a maior manifestação do Xadrez peninsular de todos os tempos. Pelo esforço desenvolvido em prol da organização e realização da grande prova, muitos nomes de xadrezistas e admiradores ficaram ligados à sua história. Francisco Lupi é dos que não se pouparam a conseqüências e mais contribuíram para o seu êxito. A sua acção, como impulsor entusiasta e jogador, merece o devido reconhecimento. Foi o idealizador do «match». Pela posição que actualmente desfruta no nosso Xadrez desportivo, teve a honra de defrontar António Medina, o campeão de Espanha. Lupi venceu na primeira partida. Essa vitória tem para nós um grande valor, pelo que a pode significar. Dá-nos a certeza de que podemos contar com alguém capaz de se bater de igual para igual com os melhores Mestres do Xadrez espanhol.

Tínhamos, pois, razões de sobejo para desejar que fôsse Francisco Lupi quem nos confiasse as impressões colhidas no encontro — decerto com declarações de muito interesse para os amadores de ambos os países.

Lupi acedeu gentilmente. A entrevista teve lugar num recanto sossegado do Grupo de Xadrez de Lisboa, poucos dias depois do «match».

— Sim, a ideia foi minha — começou o nosso interlocutor.

«Achei que o desenvolvimento do nosso Xadrez, verificado nos últimos anos, era susceptível de proporcionar desde já melhor intercâmbio luso-espanhol, com evidentes vantagens para nós, ainda que tivesse de admitir sempre a nossa derrota. A sugestão foi muito bem aceite pelo dr. António Maria Pires, então presidente da Federação. Entabularam-se logo negociações, com visível agrado em ambos os países. Essas negociações foram concluídas pela nova direcção da F. P. de Xadrez, por iniciativa do seu actual presidente, eng. Eduardo Pellen, e de meu pai, que também faz parte daquele corpo directivo. O reconhecimento oficial do Xadrez como modalidade desportiva, por parte da Direcção Geral de Desportos, contribuiu poderosamente para que se tornasse realidade aquela nossa velha aspiração. Devo citar que foi imprescindível o patrocínio de outras entidades, como a Sociedade de Pro-

O campeão FRANCISCO LUPI

que fez parte da equipa nacional no I Portugal-Espanha em xadrez — confia à STADIUM as suas impressões

paganda da Costa do Sol, a Câmara Municipal de Lisboa, etc.

— Qual é a sua opinião sobre o encontro?

— A organização foi excelente, até mesmo na parte técnica, se atendermos à nossa inexperience. Não tenho a menor dúvida de que o «match» se transformou em autêntico êxito. Bem sei que a nossa derrota foi bastante pesada. Considero muito exagerado o resultado do encontro. Sou da mesma opinião do crítico espanhol Agustín: 10-6 a favor da Espanha estaria muito certo.

«O nível técnico dos jogos — sofrível, principalmente na 2.ª sessão. No capítulo da abertura jogámos de igual para igual. A base da nossa derrota, quanto a mim, esteve na falta de «controle» do sistema nervoso e na ausência de temas no panorama do nosso jogo. Uma partida de Xadrez é o desdobrar de um plano de defesa e de ataque, cuja maleabilidade deve sujeitar-se à derivação das ideias do adversário. Muitos dos nossos não rectificaram os seus planos quando a derivação do jogo contrário o exigia. Em poucas palavras: falta de elasticidade de estilos...»

Lupi está tratando um problema de palpitante interesse. Insistimos:

— Ensiaram-se novidades teóricas?

— Não. Tudo muito jogado, muito visto. Os espanhóis mostraram-se muito «patriotas»: nada menos de cinco *Ruy Lopez* e quatro *catalãs*! É claro que nós contribuímos para isso... A minha segunda partida com Medina tem certo interesse teórico. Veio fortalecer a minha opinião de que a *defesa aberta* é a melhor linha de jogo que se apresenta às pretas na *espanhola*. A minha posição ao 20.º lance é das melhores que tenho conseguido, atendendo à categoria da partida. Creio que não me iludi vendo na expressão de Medina autêntico desespero, ao verificar que se encontrava batido após os preliminares da *abertura*.

— Que pensa dos jogadores espanhóis e, em particular, do pequeno Pomar?

— Tive ocasião de jogar algumas partidas amigáveis com os xadrezistas espanhóis, entre eles o *niño prodígio*. E se o poder de observação não me atraíça, parece-me que o jogo de Pomar é em demasiado «sêco», de características defensivas apenas, falho de iniciativa e de espírito empreendedor. É em atenção à sua pouca idade que podemos considerá-lo de facto um grande jogador. De resto, esta minha opinião está a par da de muitos compatriotas seus, entre eles Rafael Llorens.

Depois, Lupi concentra-se um momento e continua:

— Tenho a mais grata recordação da embaixada espanhola que nos visitou. São perfeitos camaradas, bons desportistas e muito justos nas suas apreciações. Têm classe realmente grande. A equipa é mais homogênea do que a nossa.

«O estilo de Albareda pareceu-me ser o mais perfeito. Fuentes tem tantos recursos que até me deu a impressão de estar «filosofando» com as peças... Llorens é um grande estratega — e um adversário lealíssimo. Perez e Frias são dois jogadores de estilos inteiramente opostos. Perez vive para o ataque. Julgo que tem partidas que já ganharam alguns prémios de beleza. Frias é paladino das posições fechadas, do jogo sólido e calmo. Sinceramente, julgo-os menos *apelrechados* mas suponho que qualquer deles dispõe de muitos e bons recursos.

— E Medina? — inquirimos.

— Medina é um grande jogador, o mais forte que tenho defrontado. É um verdadeiro campeão. Pareceu-me, contudo, muito nervoso. Duas partidas só é pouco para ajuizar criteriosamente da força de um jogador de Xadrez. Tive oportunidade de fazer uma ideia dos formidáveis recursos de Medina no *jogo aberto*. Gostei mais da segunda partida que disputámos, embora a tivesse perdido. Foi emocionantíssima. Creio bem que se tivesse disposto de mais uns três minutos no relógio do *controle* — neste momento podia gabar-me de ter feito pelo menos 1 1/2 contra o campeão de Espanha...»

— Qual é a sua opinião sobre o comportamento dos nossos?

— O moral chegou a ser excelente, mas o peso das nossas responsabilidades teve demasiada influência. Carlos Pires e Rui Nascimento jogaram muito bem e contribuíram ambos para que se salvasse a honra das nossas cores. Pena foi que o nervosismo, ou o cansaço, se tivesse apoderado de Nascimento, na 2.ª partida, não lhe permitindo que minorasse a nossa derrota. Os restantes jogadores pouco mais poderiam fazer, excepto João Mário Ribeiro e Leonel Pias. Ambos actuaram muito abaixo das suas possibilidades! Em condições normais, qualquer deles é jogador para *perder e ganhar* com os respectivos adversários.

«Quanto a mim só posso dizer que fiz o melhor que pôde, joguei o melhor que sabia e puz em jogo todos os meus recursos. Dou-me por satisfeito com o resultado obtido. E, a propósito, quero desmentir, com a maior sinceridade e sem sombra de modestia, a afirmação de alguns críticos espanhóis — que disseram ser eu o único jogador de Xadrez de Portugal! É uma opinião muito infeliz e precipitada. Condeno-a porque é extremamente desprestigiante para o nosso Xadrez e porque não corresponde à verdade! Em duas simples partidas, cujo resultado pôde estar na razão da melhor ou pior disposição do jogador — é completamente impossível fazer qualquer juízo crítico!

Francisco Lupi consulta o relógio e levanta-se. Ao despedirmo-nos, disparámos de chofre a última pergunta, à qual recebemos resposta rápida e convicta:

(Continua na pág. 15)

DUAS NOTAS POR SEMANA

NO ESTRANGEIRO

O publico desportivo português leu avidamente a imprensa espanhola, em busca das apreciações sobre o encontro de futebol do dia 11.

A maioria das opiniões, todas elas animadas pelo espírito de enaltecimento nacional sobreposto ao justo reconhecimento dos factos, considerou que o grupo espanhol merecia a vitória, alegando como argumento comprovativo a circunstância de haver alcançado até 20 minutos do fim a vantagem de 2-0.

Parece-nos o fundamento muito frágil, porque uma partida só está decidida ao cabo de noventa minutos de jogo e sempre susceptível de variações as mais completas.

Poucos, ou nenhuns, dos nossos leitores terão, porém, tomado conhecimento das razões aduzidas pelo semanário valenciano «Deportes», o qual afirma que o empate poderia ter sido uma grande vitória para a Espanha se não fosse... a influência «calista» do cãozinho que apareceu a passear no relvado depois da equipa visitante marcar o segundo ponto.

«Seria absurdo — escreve o crítico valenciano — admitir as influências de um cão no ulterior desenvolvimento da partida. Mas o facto é que pouco depois de aparecer o feliz animalito no terreno de jogo, Peyroteo conseguiu os dois pontos do empate. Que aconteceu precisamente naquele momento? Que influência exerceu o supradito cão sobre os nossos jogadores?»

Eis um assunto que vai merecer de futuro a atenção dos seleccionadores; quando as coisas correrem mal, enxota-se um cão para dentro do campo adversário!

EM PORTUGAL

A CENTUAM-SE com o volver do tempo as vantagens de que vai beneficiando o desporto português em consequência dos esforços de aproximação luso-espanhola, cuja iniciativa partiu exclusivamente da nossa Direcção Geral de Educação Física e Desportos e do seu actual e ilustre chefe, sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro.

O trabalho harmónico e ponderado da Comissão Permanente de Intercâmbio desportivo traduz-se já neste momento por vasto programa de importantes organizações, que movimentam diversas modalidades e hão-de reflectir-se em poderoso incentivo de progresso e eficaz propaganda.

Pelo comunicado transmitido à Imprensa, soube-se que na reunião celebrada a 10 de Março, em Lisboa, reunião histórica, porque pela primeira vez presidiram em comum os Directores Gerais das duas nações peninsulares, foram confirmados os acordos estabelecidos na precedente sessão de Madrid para a realização dos encontros Espanha-Portugal e Lisboa-Madrid em atletismo; campeonatos ibéricos e «Taça Ibérica» em remo; e Portugal-Espanha em natação, este último a disputar em duas mãos.

A senda rasgada no dia primeiro do ano pelos jogadores de *shandball* lisboetas vai-se ramificando em todos os sentidos, permitindo-nos tomar conhecimento exacto do nosso valor relativo em grande número de modalidades desportivas, até agora circunscritas à actividade nacional.

Se houver prudência no entusiasmo e cuidado na preparação, excelentes resultados nos trará a campanha!

A EQUIPA NACIONAL DE "GOLF", empatou com a selecção de ESPANHA

N O magnífico campo do Estoril disputou-se na última semana mais um encontro entre as selecções de «golf» de Portugal e Espanha. As equipas representativas das duas nações, cujo intercâmbio desportivo está a intensificar-se, como visível satisfação da gente de desporto dos dois países, defrontaram-se pela quinta vez. E pela vez primeira os portugueses deixaram de sentir o travo amargo da derrota. E' isto o que desde já importa salientar.

Um empate a seis pontos foi o resultado dessa luta leal e cavalheiresca, travada no campo da Costa do Sol, graças ao espirito de iniciativa do Clube de Golf do Estoril, que continua a desempenhar cabalmente funções de orientador da modalidade em Portugal.

Este resultado — anote-se que com uma aragem de sorte os portugueses teriam obtido a sua primeira vitória — é sobremaneira honroso para as nossas cores. A comprovada classe dos espanhóis, diante da maior expansão que o «golf» alcançou no país vizinho, e consequentemente actividade mais constante, tem justificado os desaires dos portugueses ao mesmo tempo que concedia aos nossos hóspedes certo favoritismo.

O empate da equipa chefiada pelo visconde de Pereira Machado teve, por isso, o seu quê de surpreendente, pois poucos confiariam em tão bom resultado, até mesmo depois de concluída a «volta» dos pares, com vantagem de um ponto para Portugal.

Se após terem sofrido quatro derrotas os portugueses souberam lutar sem desfalecimento, confiantes nas suas possibilidades, como que indiferentes ao valor dos adversários, por quê não pensar que este empate pode ser o ponto de partida para cometimentos de maior vulto?

Os últimos tempos não têm sido propícios à prática do «golf» nem à conquista de novos adeptos. Falta de material, custo elevado do pouco que aparece e sobretudo falta de contacto com jogadores estrangeiros — tudo resultado da situação anormal que se atravessa.

Dir-se-á que os espanhóis devem ter sofrido os mesmos inconvenientes. Mas do que não podem restar dúvidas é de que para os portugueses o mal tem sido sensível. E', pelo menos, o que se conclui da constituição apresentada pelo «team» português. Vejamos a sua formação: visconde de Pereira Machado, Artur Mariani Júnior, Manuel Brito e Cunha, dr. Luis Lara, José Posser de Andrade, António Posser de Andrade, visconde de Soveral e dr. Sousa e Melo — tudo nomes conhecidos. A' excepção do segundo, terceiro e último, todos os restantes são dos primeiros tempos do «golf» no Estoril, que é quasi o mesmo que dizer em Portugal.

A base da equipa assentou, portanto, em jogadores consagrados e experientes; os mais novos completaram bem o conjunto e justificaram a selecção.

Os resultados técnicos são já conhecidos, sendo, portanto, desnecessário anunciá-los. O visconde de Pereira Machado, jogador n.º 1 de Portugal, embora não se encontre presentemente na melhor forma, teve excelente actuação contra Luis Arana, que não sendo o actual campeão de Espanha foi contudo designado o n.º 1 da sua equipa. O empate constitui óptimo resultado. O português Mariani Junior deu réplica da melhor ao categorizado espanhol visconde Llanteno, embora perdesse. Brito e Cunha lutou de igual para igual contra Marcelino Botim. O campeão nacional, dr. Luis Lara, correspondeu plenamente à responsabilidade do título que ostenta.

José e António Posser de Andrade estiveram dentro das suas



O dr. Luis de Sousa Lara em acção



D. Luis Arana, valoroso componente da equipa de Espanha

possibilidades e a vitória do primeiro sobre R. Gandárias é mesmo digna de realce. O visconde de Soveral talvez tenha excedido a expectativa. E, por último, o dr. Sousa e Melo, chamado à efectividade (estava indicado para suplente), obteve a vitória mais proveitosa para a sua equipa, desfazendo as últimas esperanças dos espanhóis.

Em pares, a expressiva vitória de José Posser de Andrade e dr. Luis Lara, sobre o duo Visconde de Llanteno e R. Gandárias, denuncia uma superioridade que em boa verdade não deve existir. Mas — a lei das compensações não andou arredia — também a derrota do visconde de Pereira Machado e Brito e Cunha não corresponde à diferença de valores entre vencidos e vencedores.

A selecção espanhola apresentou-se constituída por: Luis Arana, visconde Llanteno, Marcelino Botim, Pedro Gandárias, R. Gandárias, Henrique Villaverde, Miguel Tayá e Gutierrez Soto.

O primeiro evidenciou amplamente a sua boa classe. Os três seguintes confirmaram o seu valor, obtendo vitórias preciosas para o resultado colectivo. Surge depois R. Gandárias, o menos feliz dos espanhóis. Villaverde, Tayá e Soto, com «handicaps» a denunciar superioridade sobre os adversários que lhes foram opostos, não lograram salientar-se.

Sobre os encontros de pares pouco há a acrescentar ao que foi dito na referência à equipa portuguesa. Diremos, no entanto, que Botim e Pedro Gandárias, empatando com António Posser de Andrade e visconde de Soveral, colocaram os adversários mais em evidência do que a si próprios.

DIAMANTINO DIAS



O visconde de Pereira Machado apresenta uma jogada difícil, que foi coroadada de êxito e muito aplaudida

VÔO À VELA

Um desporto de hoje



VAI fazer-se, com regularidade, vôo à vela em Portugal!

Stadium regosija-se com o facto de poder levar a boa nova a todos os recantos desportivos da nossa terra, notícia que vai certamente ser recebida com alvoroço por quantos se interessam pelo grande, moderno e salutar desporto.

O vôo à vela tem sido tentado várias vezes no nosso país, não muitas, é certo, mas as tentativas não foram coroadas de completo êxito por falta de ambiente aeronáutico — e não por falta de vontade dos criadores da idéia. Os tempos eram outros.

Agora, o Secretariado da Aeronáutica Civil olhou o problema com interesse, reconhecendo a vantagem de o solucionar prontamente, pelo que resolveu dar-lhe o seu auxilio precioso e indispensável para a idéia vingar e poder-se praticar finalmente, no nosso país, um desporto que alcançou em tôdas as grandes nações lugar de extraordinário relêvo.

Na França, Alemanha, Inglaterra e Itália, para nos referirmos só às grandes nações europeias, o vôo à vela é praticado com fanático entusiasmo por milhares e milhares de rapazes.

Em Espanha, país vizinho e amigo, a aviação sem motor ocupa lugar proeminente entre os desportos e a sua magnifica escola de Huesca, onde se formam pilotos em elevado número, é hoje considerada modelar.

Lá se especializaram muitos dos nossos aviadores e lá também dois portugueses — os alferes Rosa Rodrigues e Burnay — bateram o "record" peninsular de altura, elevando-se a 4.780 e 5.050 metros, resultados mais tarde melhorados pelo piloto espanhol Carlos Ara.

Tôdas as nações reconheceram que o novo desporto não oferece perigos e, pelo contrario, traz vantagens muito de apreciar.

Simão Aranha, piloto diplomado em Grunau, em 1939, e que mais tarde se especializou em Espanha, também na Escola de Huesca, está à frente do vôo à vela no Secretariado da Aeronáutica Civil e disse-nos há dias:

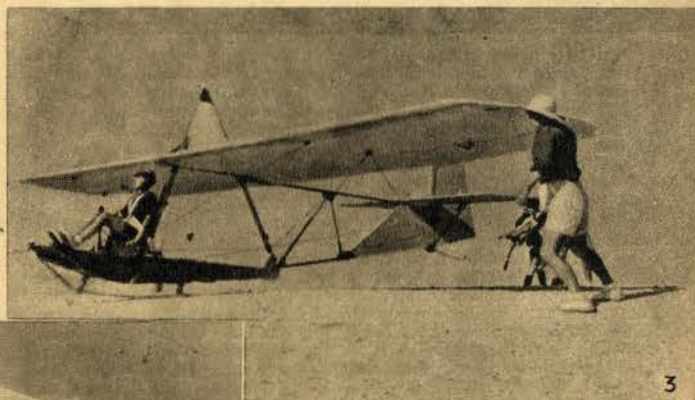
— Voar nos pairadores primários não oferece quaisquer perigos. Mesmo em caso de queda — que não é vulgar — a velocidade de descida é inferior à de qualquer bicicleta em ingreme calçada e muito menos perigosa, como é portanto de calcular.

Pensou o S. A. C. levar a cabo a missão de lançar o vôo à vela em Portugal, rodeando-o dos cuidados indispensáveis para que tudo seja realizado como deve e a tentativa não acabe por ser efêmera.

Devido à amabilidade de Simão Aranha podemos hoje dizer aos nossos leitores que vai abrir-se uma escola de vôo sem motor em Portugal, calculando-se que estará ainda este ano em acção o primeiro grupo aero-explorador.

Os instrutores serão espanhóis e portugueses, todos êles considerados técnicos habilíssimos em vôo sem motor e possuidores também dos conhecimentos profundos que lhes concedem os "brevets" de aviação com motor. Contam no seu activo mais de 1.000 horas de vôo, o que nos parece factor a considerar e de extraordinária importância.

Foi já adquirido o indispensavel material e isto indica-nos



1 — Veleiro «Grunau Baby», da escola de Huesca; 2 — Um bi-lugar «Kranich», da mesma escola; 3 — Lançamento de um «S. G.-38»; 4 — Manobra do lançamento de um «Kranich», que acaba de descolar. (Fotografias gentilmente cedidas pelo sr. alferes Reinaldo Santos)



que dentro de pouco tempo se vai fazer vôo à vela com regularidade e com método.

Satisfaz-se assim a vontade da mocidade portuguesa, que deseja cruzar os espaços em vistosas evoluções, convencida de que chegou a vez de Portugal se lançar num desporto curiosissimo e moderno, de cujos benefícios é inútil falar. Todos os conhe-

Stadium dá hoje mais esta boa nova aos seus leitores e espera dentro em breve poder ampliá-la com pormenores de ordem técnica, que não é possível fornecer agora.

O GRANDE CAMPEONATO

A questão do título está decidida

Alguns concorrentes vêm agora na luta a possibilidade de melhorar a sua classificação

Crónica de TAVARES DA SILVA

OS campeonatos têm um tempo de vida. Mas às vezes morrem cedo. Outras a sua existência é completa, do primeiro ao último dia da competição. Quando assim acontece — são fins verdadeiramente dramáticos. Em relação ao campeonato nacional, nada disso. Já aqui demos a conhecer, praticamente, a sua morte. O calendário obriga à realização dos deztois desalios por cada parte. Tal não tem que ver com o *desfecho*. Esse encontra-se decidido.

O Benfica garantiu-se com o título, *partindo* com extraordinário *elan* ao som do tiro de começar, sapotando a réplica de todos os adversários a meio da corrida e acabando numa *ponta final* que, mesmo à mingua de espinhos, não deixa de ter beleza. Eis, portanto, um grupo que galgou todos os obstáculos pela força do seu próprio poder — não aguardando o resvalar dos outros para se canto da vitória. Porque é preciso que se diga: enquanto que a posição dos concorrentes, os mais adeixados para o título, nesta altura, era aguardar um deslize benfiquense caído do céu, pelo contrário, a do Benfica consistia em caminhar pelos seus meios exclusivos. Diferença de singular importância!

A última jornada, a 16.^a, decorreu de forma que já nem sequer deixa margem a dúvidas. Um ponto de diferença foi alargado para três. Temos indiscutivelmente um campeão. Foram apurados os seguintes resultados:

Sporting	2 —	Belenenses	1
Benfica	7 —	Vitória (Setúbal)	2
Académica	1 —	Pórtio	3
Olhanense	3 —	Vitória (Gaimarões) ..	2
Salgueiros	4 —	Estoril	7

São resultados a considerar aqueles que se verificaram no Campo Grande e no campo Augusto Lessa. Qualquer deles expressivo, particularmente o de Lisboa, significando excelente ataque dos *encarnados*. O Estoril mais uma vez deu a prova clara de que os desalios *fora de casa* não o intimidam, o que demonstra ter o *team* capacidade de jogo. Abste-se ainda o triunfo arrancado pelo Pórtio em Santa Cruz — indicio de alguma coisa? — e a vitória do Olhanense em recuperação e à custa do chamado sacrifício do jogador.

O fim está a ser aproveitado pelos treinadores para a recomposição dos *teams* em termos hábeis. Os treinos dão, e certo, indicações sobre a forma e a habilidade dos elementos, mas nada há como a *competição* que *doi e fustiga* como prova real. Há homens bons nos treinos que se transformam em mais elementos nos desalios, e vice-versa. Assim, compreende-se que os treinadores se deem a *experiências*, mesmo aquelas aparentemente mais estranhas, mas que são muitas vezes ideias enraizadas e minuciosamente estudadas. Que podem falhar, mas também resultar. Difícilmente os treinadores terão um *laboratório* tão bem montado como este fim de torneio.

Na *classificação geral* o Benfica ocupa o primeiro posto com 26 pontos, sendo também o *team* que de longe mais *goals* marcou (68) e dos que menos sofreu, apenas mais um do que os *leões* (26). Figura em segundo lugar o Sporting pela força dos resultados contra o Belenenses, e ambos com 23. Vem a seguir Vitória de Setúbal e Pórtio, com 17, respectivamente em 4.^o e 5.^o. O Estoril, isolado, como todos, agora, nesta escala descendente, com 15. O Olhanense, com 14. O Vitória de Gaimarões, com 11. A Académica com 9. E o Salgueiros, tristemente, com cinco pontos. Se a *luta* para o primeiro posto finda — ao menos assistiremos ainda a emotivos desalios com vista à melhoria dos *lugares intermédios*. Não é indiferente para os que não ganharam, e só vence um, ficar em qualquer posição. Sobretudo para os clubes que não são de Lisboa, e esses já têm o sua posição firmada. Do lugar conquistado depende em grande parte o seu prestígio, coisa que pesa.

O desafio do Lumiar poderia ter sido um bom jogo!

O desafio do Lumiar, o mais categorizado da jornada, podia ter sido um desafio aceitável já que, nesta altura da época, se começa a notar a *saturação técnica*, e deixou de o ser dada a redação benfiquense de homens na segunda parte, primeiro uma e depois outra das unidades a caminho do vestiário.

No plano do jogo — parecia-nos ver melhor organização na máquina benfiquense. Talvez um pouco frouxa no sector defensivo em virtude de desentendimento manifestado na parêntese de *backs*, todavia a funcionar francamente, em atritos dessa linha até ao ataque. Como de outras vezes tem sucedido — médios e atacantes benfiquenses não viveram separados uns dos outros, pondo a clareza de combinação. Pelo contrário, *viveram* estreitamente ligados no jogo e nas suas incidências, como um todo ao corpo único. Dir-se-ia que o concurso do médio-direito assegura ao *team* melhor *respiração*. Foi assim

possível verem-se da parte benfiquense várias jogadas de magnífico entendimento, à base do *futebol geométrico*.

No campo sportingista, as coisas passaram-se de outro modo. Dada aquela baralanda da linha dianteira, é evidente que o ataque, tendo atrás de si, ainda para mais, uma célula de alimento deficiente, não podia dar conta da sua tarefa pelo aspecto do conjunto, adoptando insensivelmente o lance à base do *esforço individual*. É de assinalar também que a defesa leonina, sem atingir o fulgor de que é capaz, estava à altura do ataque contrário e superior à do seu adversário.

Tudo o grapo sportingista merece a nota de esforçado, e a evidente solidariedade que une todos os seus componentes justifica muita coisa... E justo, no entanto, que se destaque a carreira de Jesus Correia, hoje um bom jogador no seu lugar, e que sem perder nada do seu belo entusiasmo pelas balizas se aperfeiçoa em vários pormenores.

O Sporting venceu por 2-1. Mas a forma da validação de *goals* fornece toda a margem para discussão e para o desalento da arbitragem portuguesa. Basta dizer que por duas vezes o juiz de campo julgou claramente *goal*, mandando a bola para o centro do terreno, e por duas vezes anula a sua decisão, transformada em *deslocação*, a conselho dos juizes de linha que nunca deveria ser pedido, visto no seu espírito e na sua inteligência não haver dúvidas quanto ao seu julgamento pessoal. Trata-se de mais uma lamentável manifestação do *sistema em diagonal* e da implantação do tribunal colectivo para julgamento de faltas, sobre tudo de deslocações.

No Campo Grande, em Coimbra, em Olhão e no Pórtio

O Benfica passou facilmente o obstáculo setubalense. Em boa verdade — a tarefa não se apresentava muito difícil, em virtude do encontro se disputar no Campo Grande. Havia a certeza de que, logo que o Benfica se organizasse, desencadeando o ataque, o triunfo facilmente se lhe escaparia. Assim aconteceu. Bem apoiado pela linha média, sob a inteligente orientação de um jogador que, mesmo nos momentos decisivos, não deixa de raciocinar, o ataque benfiquense desenvolveu esquemas eficientes, por vezes combinações caprichosas de jogo, obrigando o adversário a conceder ao labôr defensivo a melhor atenção.

Jogar ao ataque — pretendem jogar todos os *teams*. Para isso, no entanto, é necessário que a linha avançada tenha capacidade de organização e execução. O jogo do Campo Grande deverá ser observado à luz deste prisma. Para mais, alguns elementos do ataque do Benfica estão a melhorar sensivelmente.

O Vitória lutou sempre — embora batido. Necessariamente desalentado de certa altura em diante. Vista a sua acção em conjunto ela não desmerece do nível da Primeira Divisão. É o que importa.

O Pórtio venceu em Coimbra. Para o conseguir teve de se empenhar a fundo, havendo a notar que o vento lhe soprou de feição. É que o *team* atravessou um momento crítico, quando a Académica conseguia passar de 0-1 para 1-1. Evidente se torna que, nestas circunstâncias, como costuma acontecer e estava a acontecer, o grapo que empata cresce assustadoramente duplicando as suas forças. Todavia, precisamente nesse período, o Pórtio conseguia colocar-se novamente em triunfador. O resultado disso não podia ser outro senão o de desalento para o grapo académico. Depois, e sem dúvida, o onze de Coimbra atravessa uma fase difícil: por enquanto não tem valores que deem um bom conjunto, ou o conjunto que as aspirações académicas desejariam. Vendo o desafio pelo lado do Pórtio, é cedo ainda para tirar conclusões. Aos poucos, estamos convencidos, a orientação de Szabo cimentará o conjunto. A linha tal qual se apresentou em Santa Cruz indica já claramente que o novo treinador não é homem que se dê a atitudes pacíficas. Luta — e quer vencer.

Não sabemos que mais destacar na hipótese algarvia: se o excelente comportamento do Vitória de Gaimarões, se a bela recuperação do Olhanense.

Na primeira parte, a toada de jogo foi de equilíbrio: avanços nam e noutro lado, mas enquanto que os de Gaimarões soabram aproveitar as oportunidades do *goal*, o mesmo não sucedia do lado algarvio.

Vendo a vitória fugir-lhe — o *team* de Olhão lançou-se abertamente no segundo tempo em movimentos de ofensiva, realizando jogadas lineares. Nesse período, os algarvios conseguiram tirar partido da sua superioridade: primeiro, impondo *jogo defensivo* ao adversário; depois, dominando a própria defesa.

E não se veja nisto fácil tarefa. Lembremo-nos que o Olhanense, dando-se a desalios particulares, diminuía de mota-própria a sua capacidade de jogo. As forças não podem desperdiçar-se. Pelo contrário — impõe-se reserva de energias.

O crítico Luís Martins dá a síntese do trabalho do Estoril Praia nesta imagem: *Equipa sólida e unida, movendo-se com equilíbrio, quer à defesa, quer ao ataque.*

Ora uma equipa desta natureza com facilidade afirma a sua superioridade técnica contra um *team* tão modesto como o Salgueiros.

Quer dizer, o Estoril realiza as suas jogadas com certa tranquilidade e em feição de ataque. Mas o adversário não se limitou à situação de vítima. Muito lutou para passar da ofensiva para o ataque, e acabou por conseguir o seu intento no período do fim. Era tarde. O Estoril tinha já a vitória bem fechada na mão.

JOÃO LOURENÇO

rápido e mais possante à chegada, triunfou na primeira corrida do campeonato regional

A corrida clássica dos 100 quilómetros, agora acrescida de mais alguns milhares de metros para evitar o mau piso da estrada militar, e que constituiu a primeira competição do campeonato regional de fundo, foi, no domingo, aquilo que oito, dos dezasseis homens que nela tomaram parte, entenderam que fosse. Quere dizer: relatando o comportamento desses oito homens e analisando o mérito desse comportamento — está descrita a corrida e focado o seu valor como pugna desportiva.

Não foram as características da prova — com percurso acidentado e de mau piso — nem a circunstância de se tratar de corrida que classificava para um campeonato e tinha influência para uma importante selecção, que ditou o trabalho dos estradistas. Estes, se por vezes ainda agiram influenciados por tais pormenores, na maior parte do percurso lutaram mais seguindo a tática de improviso e segundo as suas possibilidades finais permitiam, do que propriamente mercê de qualquer plano devidamente ordenado.

Fazer uma prova ou apenas tomar parte nela

Temos portanto de separar os corredores que «fizeram prova», isto é, que contribuíram para a valorizar, e os que alinharam à partida apenas para cobrir os cento e oito quilómetros do percurso. Os primeiros foram Lourenço, Lopes, Rebêlo, Mourão, Túlio, Jorge Pereira, Aristides e José Ferreira; os segundos todos os que restam do lote de inscritos.

Assim, consideramos empastados, com mérito absoluto, os citados oito elementos, porque nenhum, até Carriche, cedeu terreno em relação ao vencedor e todos se equiparam na vontade de lutar e de vencer, vindo até a classificar-se nos primeiros oito lugares. E logo que pretendamos distinguir, entre esses estradistas, aqueles que se evidenciaram em mérito relativo, também encontramos motivos para os classificar, sem receio de cometer injustiças.

Assim, Lourenço venceu porque, sendo rápido, soube colocar-se melhor para a embalagem final, é certo que sábiamente ajudado por Mourão, e também porque teve a virtude de

«arrancar» primeiro que Lopes e no momento oportuno. Lopes possuiu a coragem necessária para não sucumbir nem se demoralizar com os ataques movidos em Carriche por parte de Rebêlo, secundados depois por Mourão quando já estavam na pista. Aristides sobressaiu porque tentou a sua sorte longe da meta e perseverou por longo tempo no ataque, que muito bem poderia ter êxito, Mourão porque só «baixou bandeira» onde não podia deixar de ser, e Rebêlo porque foi, a partir de Vila Verde, o mais voluntarioso de todos.

Preparação deficiente

A prova de domingo foi de facto difícil. O tempo frio, a chuva e a lama tornaram árdua de mais a tarefa dos ciclistas. No entanto, o fracasso de alguns elementos esteve mais na sua preparação deficiente — falta de treinos, treinos mal orientados ou más condições físicas — do que propriamente na «dureza» da prova. António Jacinto, por exemplo, está pesado; Baltazar, talvez com pouco «fundo» ainda e Inácio a sofrer a consequência de um excesso de uso da bicicleta, que é sempre prejudicial quando a idade já conta. Quanto a Albuquerque e Pardal, as suas vidas particulares não devem permitir treinar com melhor aproveitamento. Mas afinal tudo é falta de preparação...

Um homem apenas — Manuel Pinguinhas — poderia ter feito melhor se o azar o não perseguisse.

Notas da corrida

A partida e chegada fizeram-se na pista do Lumiar. Aristides isolou-se, com José Ferreira, a partir de Belas; este último cedeu na Ericeira e o sportinguista, que chegara a ter

2 m.e.5 s. de avanço, mudou de máquina duas vezes, acabando por ser alcançado.

Um ataque de Rebêlo em Carriche desmembrou o pelotão, tendo chegado juntos à pista apenas aquele corredor, Lourenço, Lopes e Mourão. Um bom arranque de Lourenço aos 300 metros deu-lhe a vitória.

Ordem de chegada: Lourenço, Lopes, Rebêlo, Mourão, Túlio, Jorge Pereira, J. Ferreira, Aristides, Inácio, Baltazar, Pais Cabral, A. Jacinto, Pinguinhas, Serra e Faísca.

Tempo do vencedor 3 h., 19 m. e 3 s.

Os amadores em acção

O Lusitano Clube Ciclista, a mais antiga colectividade portuguesa exclusivamente dedicada à velocidade, promoveu também no domingo, para reatar a sua benéfica acção de organizador, duas corridas reservadas a amadores e iniciados.

Qualquer das provas foi muito bem disputada, sobressaindo, em amadores, Amandio Monteiro e Pinto Ribeiro, que fizeram verdadeiras corridas contra-relogio, e o novel Eduardo Marques, da Apolo, vencedor em iniciados num tempo excelente.

Como nota especial, a reparação de Carlos Quadros, vencedor do «Circuito Flechas», agora já amador, o qual, arrostando a princípio com os ataques movidos pelos mais perigosos adversários, dos quais se defendeu galhardamente, veio depois a classificar-se em lugar secundário, devido a uma queda à entrada do Estádio.

A organização do Lusitano foi cuidada, havendo apenas a lamentar que surgissem dúvidas sobre a maneira de classificar as equipas. Talvez culpa dos organizadores, que não elucidaram os delegados, mas também culpas destes, que não se informaram a tempo...

A ordem de chegada em amadores foi: Amandio (Iluminante), Pinto Ribeiro e Aristides, (ambos do Lisgás); António Maria (ind.), Maximiano e Tavares da Silva (Lisgás); Espadinha (Iluminante); Maximiano, Quadros e J. Nunes. Tempo do vencedor: 1 h. 3 m. e 37 s.

As classificações em iniciados ficaram ordenadas como segue: Eduardo Marques, Augusto Miranda, Jorge Parreira, Francisco Esteves, Amandio Denis e Manuel Gonçalves.

O vencedor gastou 1 h. 7 m. e 6 s.

As provas disputaram-se entre Lisboa (pista) — Póvoa-Lisboa, para iniciados, e Lisboa-Alhambra-Lisboa para os amadores.

GIL MOREIRA

Atlético e C. U. F.

vão disputar a final da II Divisão

MAIS uma jornada — e estará concluída a mais concorrida prova de futebol nacional: o campeonato de Portugal, da II Divisão. A ideia dominante de que, pela primeira vez, se veriam na final da prova duas equipas lisboetas, ficou confirmada no último domingo. Com efeito, os dois grupos da capital que sobreviveram à primeira fase do torneio, tiveram comportamento tão meritório que conquistaram a confiança do público de Lisboa. Desta maneira as suas vitórias de domingo passado eram esperadas. Os próprios resultados dessas pugnas denunciavam o que estava previsto: que o Atlético poderia dar mais nitidamente a sensação de superioridade do que o Grupo Desportivo da C. U. F. Assim foi, de facto, pois enquanto os alcantarenses cifraram a sua vantagem em três «goals» de diferença, os rapazes do Lumiar A ganharam pela diferença mínima.

Admite-se, porém, que assim seja, porque os adversários também não eram da mesma categoria, ou — talvez melhor — não têm a mesma cotação.

Entre o Luso de Beja e o Boavista o confronto de melhor equipa vai a favor dos portuenses. O seu campeonato «regional» é mais duro do que o dos alentejanos, a actividade mais constante, de modo que seria injustiça negar aos jogadores do Bessa a qualidade de «team» mais apetrechado. Implicamente, a C. U. F. havia de ter adversário mais difícil do que o Atlético.

Não se infira, porém, destas linhas, que regateamos valor aos bejenses. Bem pelo contrário. A culpa de que o futebol na sua região não reúna tão elevado número de clubes não pode ser-lhe atribuída.

Quando um grupo vence por 4-1, tal qual o Atlético em frente do Luso de Beja, não se deve pensar que o triunfo seja injusto. A diferença é concludente e reflete, desde que não surjam incidentes, notória diferença de valor. Os bejenses não saem, contudo, diminuídos da prova. A sua eliminação, imposta pela equipa que continua a merecer o favoritismo para a final, não deslustra os alentejanos, cujo ânimo pode ter sido afectado pela facilidade e rapidez com que o adversário passou a vencedor. A equipa, porém, não se entregou e foi já quando o Atlético venceu por 4-0 que os bejenses marcaram o ponto de honra.

A luta de Viseu foi mais equilibrada. Os portuenses foram vencidos pela diferença mínima (2-3), mas isto como resultado de uma jogada infeliz de um jogador lisboeta, que teve o condão de abrir o activo do Boavista. Na segunda parte a C. U. F. jogou o suficiente para justificar o triunfo, ainda que os portuenses tivessem replicado da melhor maneira.

Os vencidos das meias-finais também estiveram em acção. Disputaram encontros de repescagem para a «Taça de Portugal» — uma espécie de jogos de consolidação. O S. L. Elvas e a Oliveirense venceram, respectivamente, o C. U. F. do Barreiro e o Famalicão. Se a vitória dos «encarnados» elvenses se aceita sem custo, a dos oliveirenses parece contrariar muitos prognósticos.

E que o Famalicão apresentava-se como o «team» mais capaz de sair vencedor da contenda...

ZÊ DO PEÃO

BASKETBALL

Campeonato Nacional

Com a presença dos representantes de Lisboa, Póvoa e Coimbra, começou a disputa do campeonato nacional de «basketball», que tem decorrido com o interesse peculiar aos torneios de popular modalidade.

A falta de espaço, obriga-nos a guardar para o próximo número os habituais comentários técnicos ao conjunto dos encontros já efectuados.

Aos nossos leitores da Província

Como dissemos no nosso último número, STADIUM arquivará periodicamente nas suas páginas os acontecimentos desportivos da província, de Norte a Sul, através de sugestivas fotografias.

Prevendo que alguns desses acontecimentos, embora de muito interesse nas respectivas regiões, possam contudo passar despercebidos, convidamos os nossos leitores a enviarem-nos provas fotográficas dos assuntos que desejariam ver publicados, pois merecerão o nosso melhor acolhimento desde que os clichés se apresentem em perfeitas condições de reprodução.

NO LUMIAR: Assado repou-
la a bola e só quando José Pa-
dro procurava entrar de cabeça



NO LUMIAR: Saram desarma A. Marques, que já tinha ultrapassado Feliciano



NO CAMPO GRANDE: Talente lançou-se ao pé de Mário Reis mas não conseguiu com a bola. Destal não mais um dos 'tômbis' da Benfica



NO CAMPO GRANDE: Avançar da sua bela entrada, o 'viepepe' do setubalense não evia outro 'gol' de Teixeira



NO LUMIAR: O esforço e a máscara de Capela dizem tudo neste instante

JA' NAO HA' DUVIDAS: O BENFICA e Campeão!

NO PORTO: Valendo mergulha para segurar um remate de Alfredo. Em baixo: João defende a sóco com astilidade digna de nota



NO LUMIAR: Dom remate de Mário Coelho, que No-
guzira não pôde impedir



NO CAMPO GRANDE: Um fôlego instantâneo. Assiste ao seu ataque, a um jogador lusitano, o 1.º posto do seu clube



EM COIMBRA: Lopes em luta com Gomes da Costa. Em baixo: Outro aspecto da luta entre estudantes e portuenses



NO LUMIAR: Uma fôlego que podia ter interpretações diferentes — mas que não passou de um remate de Albano, para o qual Capela se preparou a tempo



VAMOS APRENDER A JOGAR O «BASEBALL»

I—Os artigos indispensáveis

CONFORME já ficou dito nas colunas da *Stadium*, o clube portuense Estrêla e Vigorosa Sport pretende iniciar entre os seus associados a aprendizagem do «baseball», o desporto mais popular nos Estados-Unidos.

A tentativa que a dinâmica sociedade desportiva nortenha tenciona levar a bom termo não é fácil tarefa, isenta de despesas e de outras dificuldades, mormente as que advêm de se desconhecer em Portugal quasi tudo que respeita ao «baseball».

Que um técnico abalizado tomasse a seu cargo a instrução, preparação e direcção de dois grupos de «baseball», no Estrêla e Vigorosa, seria de tal maneira providencial e útil que bem poderíamos considerar resolvidas as maiores contingências actuais. Mas é, infelizmente, quasi improvável, e portanto achamos mui digno de louvar o nobre empenhamento do simpático e progressivo Estrêla e Vigorosa Sport, abalanchando-se a um trabalho cheio de escolhos.

Quanto a nós, e para corresponder de algum modo a essa iniciativa, resolvemos publicar nas colunas da *Stadium* alguns artigos de carácter técnico, afim de tornar acessível aos principiantes e aos leitores os aspectos particulares do jogo.

Fique, no entanto, e desde já, proclamado que a nossa modesta contribuição é só um incentivo, pois tem por objectivo colaborar na propaganda do «baseball» e nada mais.

O primeiro artigo—o presente—diz respeito aos utensílios indispensáveis para a prática do jogo e responde a um questionário que nos foi enviado pelo correio.

O assunto é pouco atraente e difícil de amenizar. Faremos o possível para não o tornar fastidioso.

A prática do «baseball» requiere os seguintes artigos: bolas, «bates», almofadas para marcar as bases, equipamentos, terreno especialmente preparado, etc.

As bolas costumam ser de dois tipos. O tipo sénior (ou para adultos) deve pesar entre 5 onças e 5 1/4, medindo de circunferência 9 polegadas e 9 1/4. As bolas «Spalding», «Reach» e «Everlast» são reconhecidas oficialmente nos Estados-Unidos, custando entre um dólar e cinquenta a dois dólares, cada exemplar.

Recomenda-se praticar com bolas mais económicas, que existem no mercado «yankee». Cada partida ou jogo exige cerca de seis a doze bolas novas ou em bom estado (pouco jogadas).

O tipo júnior (ou para adolescentes) é mais pequeno e custa um dólar cada bola. Aconselhamos a «Spaldin's Boy's League Ball», que é a preferida pelos norte-americanos.

O «bate» ou a arma do batedor consiste num rôlo de madeira tronco-cónico que, segundo as regras oficiais americanas, deverá ter 2 polegadas e 3/4 de diâmetro na sua parte mais estreita e menos de 42 polegadas de comprimento. A madeira será rígida e a 18 polegadas do extremo deverá estar coberta com fio entrançado, ou por uma camada de qualquer substância granulosa, para se obter uma boa pega.

Os jogadores jovens usam modelos pequenos. Os preços dos «bates» variam entre 10 centavos e 1 dólar.

As marcas e almofadas das bases, segundo as regras oficiais americanas, são de materiais diferentes.

As marcas da base do lançador e da base principal (home-plate) são em borracha branca, enterradas no solo e de nível com êle.

A marca da base principal terá a forma de um pentágono com 2 lados de 12 polegadas, fazendo entre si um ângulo recto, 17 polegadas de base e 8 polegadas e meia nos lados perpendiculares à base.

A marca da base do lançador tem forma rectangular, com 24 polegadas por 6.

O custo de ambas, com os espigões de fixação, orça por 5 a 10 dólares cada uma.

As almofadas da 1.ª, 2.ª e 3.ª bases são de forma quadrada, com 15 polegadas de lado e fabricadas de lona branca. Contêm interiormente areia, serradura, etc., e custam 3 dólares e meio a 6 dólares (quando cheias), o «jogo» das 3, ou 1 dólar se forem adquiridas vazias.

O equipamento dos jogadores é simples. Usualmente é constituído por botas especiais, meias de lã, calças chumacadas, camisas de tecido forte, com reforços nos ombros e cotovelos, e, por fim, um boné de pala.

Além disto, os jogadores que estão no campo, os exteriores, usam luvas fortes e chumacadas, o mesmo sucedendo ao receptor. As luvas dos restantes jogadores são de tipo uniforme, que não é possível descrever aqui.

A máscara de aço do receptor e do árbitro custam de 25 centavos a 5 dólares, conforme as dimensões e qualidade do metal. Os

protectores do tronco, que os mesmos usam, adquirem-se por 2 e meio a dez dólares cada um.

As luvas do receptor variam entre 1 dólar e 25 centavos a 8 dólares.

E fiquemos por aqui...

Como se vê, não é o «baseball» um jogo barato à primeira vista. No entanto, chamamos a atenção do leitor para o seguinte: a totalidade dos artigos acessórios podem ser manufacturados em Portugal por preços acessíveis. Bastará importar de uma só vez um conjunto ou aderção dos utensílios indispensáveis (e cremos possível efectuar essa aquisição por um valor módico), para se organizar o fabrico. Os bates, por exemplo, são facilísimos de fazer...

Agora, a título informativo, apresentamos aos interessados os endereços de algumas firmas especializadas:

A. G. Spalding & Brothers Ltd., 317/318, High Holborn W. C. 1—Londres.

Everlast Sportings Goods Mfg. Co., 33 Union Square West—Nova York City.

E os seguintes manuais e livros técnicos: «Official National Baseball Guide, Rules and Records»—Spalding Athletic Library.

«Baseball, Individual Play and Team Play in Detail», por W. J. Clarke e Dawson. Editor: Ch. Scribner's Sons.

E até ao próximo artigo.

RAFAEL BARRADAS

Quando a STADIUM pergunta...

MANUEL MOTA

**presidente da Federação de Ciclismo,
confia-nos as suas impressões**

COMEÇOU o ciclismo—a modalidade que conta com o interesse de uma grande parte do público desportivo.

Não vai longe o tempo em que, depois do futebol, o ciclismo ocupava imediato lugar nos desportos de maior preferência entre nós. E dos que têm passado brilhante em tempos idos—aos quais sucederam os de franco progresso.

Os últimos anos, porém, caracterizaram-se pelo desinteresse que foi abafando o ciclismo. Não que o público amigo do desporto abrandasse no seu gosto pela velocidade, mas casos houve que «abrigaram» alguns clubes, em evidência nas organizações de ciclismo, a pôr de parte as respectivas secções.

Um desporto como o ciclismo, que no nosso país só dificilmente consegue dar lucros, não podia suportar certas exigências de corredores, à base de um profissionalismo de alto preço.

Depois veio a falta de material e o elevado custo a que chegou, quando aparece. Consequentemente, tornou-se mais difícil o apetrechamento dos ciclistas e os registos de licenças foram acusando baixa sensível...

O ciclismo de competição sofreu golpe rude. Na época passada, mercê ainda do entusiasmo do Sporting e do Grupo Desportivo de «A Iluminante», o ciclismo teve tardes de animação. Mas a crise avolumou-se.

Neste ambiente, começou a nova época. No momento em que a primeira prova do ano se ia disputar, solicitámos ao presidente da Federação de Ciclismo, o nosso distinto camarada Manuel Mota, as suas impressões: Que pensava do ciclismo em 1944?

—A actividade de 1944 foi fraca. Poucas organizações particulares, poucos corredores. Fez-se sentir a falta de uma grande competição—a falta da «Volta a Portugal».



MANUEL MOTA

«No capítulo de provas, o Norte foi superior a Lisboa. As corridas de pista foram inferiores ao que esperávamos. No entanto, de novo o Porto foi superior a Lisboa. Reconheço que o público portuense demonstra maior interesse pelo ciclismo, mesmo nas corridas em pista.

—Qual o acontecimento que mais o impressionou?

—A ida do Sporting à Volta a Catalunha, com o 6.º lugar conseguido por Lourenço.

«Não sendo do mesmo aspecto, impressionou-me também muito agradavelmente o «Curso de Ciclistas», que *Stadium* organizou. Acompanhei a iniciativa com muito interesse e faço votos para que ela se repita.

«Outro caso que me impressionou deveras: anunciar-se a «Volta a Portugal» e não se ter efectuado.

—Que espera da nova época para a modalidade?

—Espero que melhor entendimento venha auxiliar a vencer a crise do ciclismo português. Se a boa vontade dos dirigentes for bem acompanhada por todos aqueles que têm dado mostras de belo interesse pela modalidade e se os corredores se apresentarem com o necessário entusiasmo, creio que poderemos assistir ao ressurgimento do ciclismo nacional.

«A Federação vai procurar interessar vários elementos na organização de provas. Pretendemos conseguir que apareçam mais organizadores particulares, ao mesmo tempo que contamos com o bom trabalho das Associações de Lisboa e Porto, colaborando no muito que há a fazer para colocar o ciclismo na posição de merecido relevo que já desfrutou.

«Estou convencido que este ano se fará a «Volta a Portugal». Se assim for, o ciclismo receberá o seu melhor estímulo, despertando o interesse para outras organizações velocipedicas. Prevejo igualmente que o convite para a «Volta a Espanha» pode ter influência extraordinária.

Os corredores para os 50 quilómetros de abertura alinhavam para a partida. Manuel Mota foi juntar-se-lhes, para os acompanhar com o interesse e com a confiança que as suas palavras deixam prever, em busca de melhores dias para o ciclismo nacional.

FERNANDO SÁ

X — ... para os corredores

de passada curta

1—Saltitar sobre as pontas dos pés, alternadamente a pés juntos e lançando para cima e para diante a perna esquerda ou direita, tocando com o pé na mão do lado oposto, cujo braço foi estendido adiante (procurar não flexir o corpo à frente, nem dobrar o joelho da perna que é lançada).

2—Pés unidos: grande flexão do tronco à frente, tocando com as mãos no solo aos lados dos pés e deligenciando tocar com a testa nos joelhos.

3—Sobre um banco, apoio sobre um dos pés, a outra perna pendendo lateralmente: oscilações da perna pendente, à frente e à retaguarda, fazendo trabalhar na máxima amplitude a articulação da anca (o joelho flexa o menos possível e o tronco também procura manter-se firme).

Progressão: o mesmo exercício com os braços em elevação superior, trazendo-os adiante na oscilação anterior da perna e lançando-os para trás na oscilação inversa.

4—Pernas em grande afastamento antero-posterior, mãos em apoio no solo aos lados do corpo: insistências para baixo, como se quisesse tocar com a bacia no solo.

5—Pernas em grande afastamento lateral, mãos aos quadris: flexão e extensão alternada da perna esquerda e direita.

6—Deitado dorsal, tronco levantado e em apoio sobre os ante-braços (cotovelos no solo, bacia sobre as mãos): afastamentos cruzados das pernas para a frente e para retaguarda.

7—Marcha alongada.

8—Sentado no solo, perna esquerda fle-

Uma dúzia de exercícios gimnásticos de preparação física...

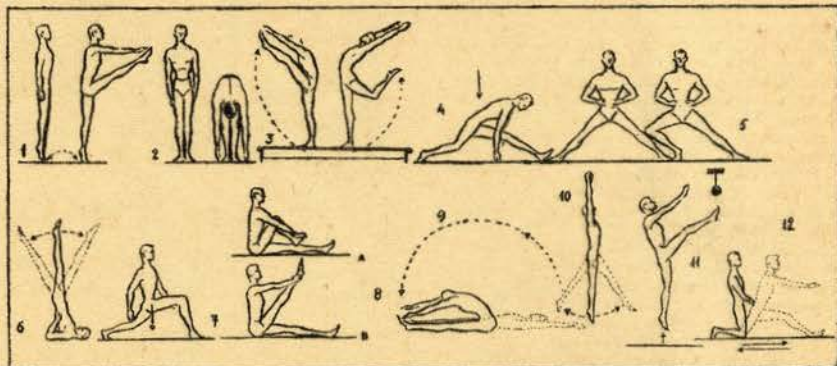
Aviso prévio: Não se trata aqui de esquemas de lições de ginástica, mas apenas de uma escolha de alguns entre os muitos exercícios que melhor correspondem às necessidades de preparação física especializada destes atletas.

Também não escrevi estas notas para professores; esses não precisam do meu conselho. Escrevi para os rapazes que trabalham sem assistência de técnico competente e por isso redigi o enunciado dos exercícios fora das regras da terminologia oficial, de maneira a ser compreendido por eles aquilo que pretendo explicar.

SALAZAR CARREIRA

ctida, mãos agarrando o pé esquerdo: extensão da perna esquerda para cima, sem largar o pé das mãos. Repetir com a perna direita.

10—Suspenso numa barra: lançamentos opostos das pernas, uma para diante, outra para trás, deligenciando o máximo de abertura.



9—De pé, segurando nas mãos um peso que apoia sobre as coxas: elevação alternada da coxa sustentando o peso.

11—Saltar com poucos passos de balanço e procurando tocar com o pé (direito e esquerdo, alternadamente) num objecto suspenso a altura crescente.

12—De joelhos no solo: extensão anterior de uma perna (alternadamente esquerda e direita) tentando chegar com o pé o mais longe possível e regressar à posição inicial. As mãos podem tomar ligeiro apoio lateral, para assegurar o equilíbrio.

ESGRIMA

O eng. Jorge Oom, do G. C. P.

mantem o título de campeão nacional de sabre

O campeonato nacional de sabre de 1945, se bem que rijamente disputado, não nos agradou muito. Definindo melhor a impressão que recebemos durante o decorrer do torneio, podemos dizer que leve altos e baixos — em maior número estes...

Jogou-se por vezes francamente mal e quando o nível técnico melhorava ficava-se ainda a certa distância da boa esgrima de sabre, das movimentadas frases de armas que dão a esta modalidade o melhor da sua beleza. Mesmo na final, pode dizer-se que a maioria dos alreadores se empenhou mais nas tentativas de golpes em tempo do que na aplicação da parada e resposta. De resto, todos os finalistas estiveram abaixo do seu rendimento normal. A preocupação do resultado levou-os a abusar dos golpes em força, procurando tocar de qualquer maneira, com evidente prejuízo para a boa técnica.

O último grau da prova reuniu um grupo quasi homogêneo, constituído por esgrimistas de certa força, que fazia prever uma boa «poule». Na realidade, foi disputada com ardor invulgar e despertou o interesse da numerosa assistência que ocorreu ao salão do Lisboa Gimnástico.

O eng. Jorge Oom manteve o seu título de campeão nacional, desta vez com um pouco mais de esforço, pois não se encontrava em noite de boa inspiração e tinha de defrontar alguns adversários de menor experiência mas perigosamente decididos. Assim, Jorge Oom não nos deu a sua melhor exibição — mas ganhou com incontestável justiça.

Carlos Cardoso, segundo classificado, voltou a salientar-se. Insistiu demasiado nos ataques ao braço, mas não se deu de todo mal. Um menor curioso: conseguiu vencer o campeão

nas três vezes que teve de o defrontar durante o torneio.

Jorge Malles e Costa Freitas, que ficaram respectivamente em terceiro e quarto lugares, mantêm as qualidades evidenciadas no campeonato do último ano — em especial o segundo, pôs que Jorge Malles se nos afigurou menos seguro da defensiva, embora rápido no ataque.

Também Carlos Granale esteve mais irregular do que no torneio anterior, atacando sem a mesma eficiência, parecendo pior e de combatividade ligeiramente inferior. O ambiente também não auxiliou o seu estado de espírito e deve ter-se ressentido deste facto.

Cruz Ferreira, bom jogador de sabre, foi outro alreador que se exibiu nitidamente à quem das suas possibilidades — distante, em forma e segurança, dos tempos em que manevra, anos consecutivos, o título de campeão nacional. Depois de uma eliminatória em que só conseguiu passar pela tangente, brilhou na meia-final — mas disputou a última «poule» de novo em inferioridade nítida, com má concepção do jogo, abusando dos ataques em um-dois e esquecendo demasiado a sua excelente parada, de qual parliam antes, normalmente, respostas seguras.

Robín de Andrade e Carlos Aires ficaram nos dois últimos lugares, por esta ordem. O segundo mostrou-se mais esgrimista, de técnica mais completa. Robín de Andrade limitou demasiadamente o seu jogo aos toques de fio e contra-fio à mão e ao braço. É pouco...

Dos alreadores que não estiveram na final, desejamos salientar a magnífica exibição de Paiva e Pona, na sua eliminatória, afirmando-se até esse momento como o sabrista mais clássico no torneio. Na meia-final esteve inferior. Desorien-

Oo treinos de atletismo no Sport Lisboa e Benfica

Princípios dos treinos de atletismo, com o seguinte horário: às terças e sextas, para atletas e principiantes; às quintas-feiras e sábados, para juniores e seniores, depois das 17,30 horas.

O C. A. Campo de Ourique vai ter uma secção de futebol

Uma comissão de sócios do simpático Clube Atlético de Campo de Ourique comunica-nos que vai tentar organizar uma secção de futebol, para dar maior desenvolvimento ao clube e proporcionar à sua população associativa maior amplitude de actividade.

fezemos os melhores votos pelo êxito desta iniciativa

tado com possíveis prejuízos no julgamento dos toques, desistiu de disputar uma «barragem» — em negação momentânea do espírito de desportista que lhe temos reconhecido sempre.

Silvírio Marques, que em anteriores torneios obteve boas classificações, ressentiu-se desta vez de falta de preparação. Ferreira da Silva foi outro alreador que não soube dominar os nervos para fazer face às contingências de um torneio de esgrima... que não é julgado por meio de marcação eléctrica...

Alberto Silveira, Pacheco e Pessanha merecem também referência, mesmo considerando a irregularidade com que se exibiram.

Arquivemos, por curiosidade, o apuramento verificado na «poule» final:

1.º — Jorge Oom, do G. C. P., com 6 vitórias e 1 derrota; 2.º — Carlos Cardoso, de E. E., 5-2; 3.º — Jorge Malles, de E. E., 4-3, 22 toques recebidos; 4.º — Costa Freitas, de E. E., 4-3, 25 1.º, 5.º — Carlos Granale, do C. L. E., 3-4, 27 1.º, 6.º — Cruz Ferreira, do L. G. C., 3-4, 30 1.º, 7.º — Robín de Andrade, de E. E., 2-5; 8.º — Carlos Aires, do C. L. E., 1-6.

A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



1—Os finalistas do campeonato nacional de sabre, a que fazemos referência noutra página; 2—Na distribuição dos prémios das competições desportivas da F. N. A. T.—dezenas de taças e mais de uma centena de medalhas; 3—Alguns dos desportistas da F. N. A. T. que foram premiados; 4—Fernando Ferreira corre os 110 m. barreiras, prova em que conquistou o título de campeão universitário; 5—Santos Vieira, também campeão universitário do salto à vara, transpondo 5,53 m. e batendo o respectivo recorde; 6—A equipa do I. S. Técnico, que nos mesmos campeonatos venceu a competição de futebol; 7—As entidades oficiais e os corpos gerentes da Associação dos Amadores de Bilihar fotografados no dia da inauguração da nova sede; 8—O nosso distinto colaborador dr. Salazar Carreira ao proferir a sua palestra sobre atletismo no F. C. do Porto, a convite deste clube



UM RECORDE BATIDO!...

Não é somente em matéria de desporto que se batem recordes!... Por hábito compram-se hoje muitas utilidades a prestações — mas com aumento de preço... — e constitui na realidade um recorde saber-se que a Alfaiataria J. C. MOURA, na Rua da Atalaia, 145, faz dessas transacções sem qualquer aumento de preço. Se V. Ex.^a tiver casa sua não é preciso fiador para adquirir um bom fato, sobretudo ou gabardine, assim como confecções de senhora em género «tailleur». Note bem, nesta casa encontra V. Ex.^a maior perfeição e não paga luxo.



À VENDA
NAS
MELHORES
CHAPELARIAS E NOS
BONS ESTABELECIMENTOS
DA ESPECIALIDADE

O 70.º ANIVERSÁRIO do GIMNÁSIO CLUBE PORTUGUÊS



O sr. general Carmona condecora o estandarte do Gimnásio



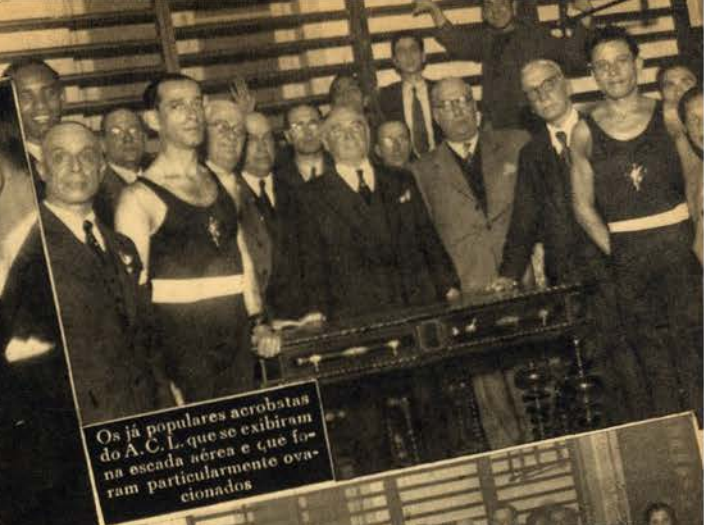
A classe do Colégio Alemão e os gymnastas da mesa alemã

Decorreu com vibrante entusiasmo a semana que o velho Gimnásio Clube dedicou às comemorações do 70.º aniversário. Sucessivamente, efectuaram-se: sessão dedicada à esgrima, desporto de grande tradição no G. C. P., na qual Mestre Campos Andrade apresentou os seus alunos e Mário de Noronha, presidente da F. P. E., proferiu uma curiosa palestra; sessão de pugilismo, a cargo de amadores de diversas salas; «saraus de salvação» pelo Ateneu Comercial e Lisboa Gimnástico, delirantemente ovacionados; exhibição pela classe da ginnástica Feminina do Colégio Alemão e saltos em mesa alemã por atletas do G. C. P.; palestra sobre Educação Física pelo capitão Veiga Cardoso.

No sábado, durante um magnífico saraú gymnástico, em que respiceram os trêcos à Leotard, também de grandes tradições no clube, o venerando Chefe do Estado colocou no estandarte do Gimnásio as insígnias da Ordem da Benemerência.

Para encerrar o ciclo de comemorações, no domingo efectuou-se um almôço de confraternização, a que presidiu o sr. Carlos Xifredo e em que se fizeram afirmações de fé no destino do Gimnásio. Entre os presentes figurava o sr. Carlos Lino da Silva, sócio n.º 1.

O FUTEBOL BENFICA está em festa por motivo do 12.º aniversário. A fotografia mostra os grupos de "hockey" do clube e do Belenenses, que empataram 0-0 para a "Taça Aniversário"



Os já populares acrobatas do A. C. L. que se exibiram na escada aérea e que foram particularmente ovacionados



As graciosas gymnastas do Ateneu

CORTA-MATO

O campeonato Nacional de Júniores

Ao lado: Aires da Silva, do Benfica, vencedor individual, segue já no comando da prova. Em baixo: O grupo dos concorrentes.



Stadium

na Capital do Norte

HANDBALL

Notas e comentários

Os casos de indisciplina vão tomando maior vulto. Paixões desenfreadas movem toda a espécie de altitudes, num lurbilhão assustador. Entre os que têm missão de responsabilidade, são raros os espíritos que conservam sempre ao de cima das ondas clubistas a inflexibilidade de pensamento — na disciplina de altitudes e no interesse pela modalidade.

O que se passou na jornada de 18, na Belavista, classifica muito inferiormente alguns desportistas.

É justo relevar, apesar de tudo, o gesto firme, cavalheiresco, de um director do Desportivo de Portugal, retraindo a sua méguca íntima à «temperatura» do bom senso, na medida das suas responsabilidades. Sirva a sua acção de benéfico exemplo para o futuro.

É um erro, que convém combater, certos orientadores de clubes acellarem a altitude disciplinar como processo de manifestação de desacordo com as arbitragens.

O caso do jogo Desportivo-Vigorosa, que se presta a esta observação, não pode ficar impune e esquecido. Por maiores que sejam os deslizes de um árbitro — que, felizmente, não atingiram esse nível — não deve um clube, os seus jogadores ou a sua massa simpelizante, recorrer a altitudes menos dignas.

A questão técnica nada tem com a questão disciplinar. Se um grupo se julga no direito de protestar um deslize técnico de um árbitro, deve, dentro da maior correcção, basear o seu protesto de «secretaria». Misturar assuntos técnicos com actos de indisciplina é absolutamente condenável. Toda a razão que caiba a um grupo naquelas circunstâncias — esvai-se ante um gesto irreflectido.

Abstém-se terminantemente de ajuizar da razão técnica do Desportivo, mas não podemos deixar de vincar o nosso desagrado pela triste acção demonstrada publicamente por alguns elementos. Exigim-nos estas palavras não só o dever de um cargo, como a consciência de homem de bem.

As organizações da associação regional, na disputa do Campeonato do Pôrto, têm sido dificultadas por um conjunto de contra-tempos.

Além da pouca utilização do campo do Lusó, o que melhor serve os interesses do «handball», por estar mais central, o torneio de juniores em futebol, à mesma hora dos jogos de «handball», impede que se organizem programas como o valor dos grupos justificava.

Isso deu motivo a precipitadas censuras à C. Árbitros da A. H. Pôrto, hoje completamente resvaladas.

Não obsta que se lamentem tais obstáculos que, na verdade, prejudicam muito o «handball» portuense.

Está em «ponto morto» o famigerado caso dos inter-cidades. Depois da decisão dos directores portuenses, insistindo na realização do 1.º jogo no Norte, a A. H. Lisboa deixou de se manifestar.

Com a expectativa que se criou à volta destes jogos, constitui um verdadeiro «crime» — permissão-se-nos a metáfora — a actual leniência.

Não nos custa acreditar nas possibilidades de um entendimento, ainda que, de parte a parte, tenha de ser esgotada toda a «argumentação diplomática»...

Por que não tentar?

LEME

FLECHA é a melhor bicicleta

Figura da semana

Manuel Carlos Horta

Os dirigentes impõem-se não só pelo seu trabalho e pelas suas iniciativas, mas também pela honestidade e pelo apuro que os anima nesses propósitos. Isto é: não basta dispendir energia a ródos, batallar por todas as causas — é preciso que a nortejar essas altitudes haja um espírito sã e independente. É este o caso da nossa «figura» de hoje.

Manuel Carlos Horta é dos dirigentes do desporto portuense que mais simpatias e maior prestígio possui, porque soube rodear-se do apuro moral que dignifica o homem e o impõe.

Primeiramente foi praticante. Vimo-lo no futebol, no «handball» (capitão da «reserva» do F. C. do Pôrto no tempo em que a modalidade dava os seus primeiros passos), no «basket-ball», na natação e no «rugby». Em todas as modalidades se salientou pela correcção e pelo valor técnico.

Criada, porém, com a prática, a consciência das necessidades do desporto, ei-lo que o seu nome apareceu naturalmente indicado para dirigente, a que subiu por mérito próprio. Secretário da Associação de Rugby, dirigente de diversas secções do F. C. do Pôrto, componente de uma das direcções do Sport Progresso, e delegado do Avintes F. C. à A. F. P. — lugar que ocupa com brilho há mais de uma dezena de anos — Manuel Carlos Horta tem a seu favor um historial magnífico, que abona as suas faculdades de trabalho, de inteligência e de honestidade. Justíssima foi pois a homenagem que há pouco lhe prestou o Avintes F. C. e a que nos associamos de bom grado. Manuel Horta é, sem dúvida, dos mais prestigiosos dirigentes do desporto nortenho.



ATLETISMO

Uma palestra em Amarante

pelo nosso camarada EDUARDO SOARES

Os amarentinos, que durante a época passada apareceram pela primeira vez na pista do Lima, continuam vivamente interessados pelo atletismo. Assim, para dar começo à preparação da sua equipa, o Amarentino F. C. vai organizar um torneio inter-sócios, que será orientado tecnicamente pelo nosso camarada Eduardo Soares — a quem foi solicitada igualmente uma palestra, para ser proferida no decorrer de uma sessão solene, em que se distribuem os prémios do referido torneio.

CAMPISMO

Um aviso de interesse

Dentro em breve teremos o melhor período de actividade para os campistas — a Primavera. Se alguns se encontram ainda na necessidade de renovar o seu material, ou de o completar, devem dirigir-se desde já à Fábrica Portuguesa de Encerados, Lda., na rua do Vale de Santo António, 71 e 72, telefone 24085, ou rua do Cais de Santarém, 66, telefone 24086 — Lisboa — pois é a casa que melhor se especializou em tendas e todo o material para campismo.

NOTAS DA SEMANA

Velejadores no mar

O Sport Clube do Pôrto, um dos fortes pioneiros da vela no norte do País, enlrou em «trabalhos práticos» com a organização de diversas provas, que têm sido disputadas em leixões, com interesse dos apreciadores da modalidade.

Avellamos bem a soma de conselhos que causa a manutenção desta modalidade, talvez das mais dispendiosas entre tantas que se praticam em Portugal.

Mas a vela é, sobre todos os mais, um desporto belo e sugestivo, aliciente. Um bom velejador precisa de reunir um número especial de requisitos: tem de ser um atleta e um amador, indispensavelmente.

Dois domingos seguidos que as velas dos barcos do clube do flomula azul se desfaldam ao vento; lá para leixões, a atestar a vitalidade do Sport.

Os ciclistas protestam...

Já de há algum tempo que a chegada e partida das provas oficiais do organismo dirigente do ciclismo nesta cidade se realizam na rua de Alegria, ou rua Nova da Constituição, em condições deficientes, com prejuízo para os concorrentes à essas provas, pela aglomeração do público, mal contido ou imperfeitamente vigiado pelo serviço de segurança.

Mas parece que, segundo nos informam, em face dos protestos recebidos, essa deficiência vai ser eliminada, devendo as provas ter partida e chegada no Estádio do Lima, tal qual se fazia há épocas atrás. Desta maneira, os corredores terão pelo menos o pista livre para poderem fazer as disputas ao «sprint», sem receio de esbarrarem com a multidão.

Que vai suceder ao Académico?

A descida registada no Académico, em consequência de haver perdido o seu jogo de desempate, e de passagem, com o Ramaldense, campeão da 2.ª divisão, deverá ter consequências graves para o clube do Lima, pelo menos no que refere à secção de futebol.

Os acadêmicos apresentaram um protesto sobre certo aspecto do mesmo jogo, que não nos parece ter qualquer outra finalidade que não seja dar uma satisfação à sua massa associativa.

O caso é dos laís que «morrem ao nascer»... como diz o vulgo. Pode, de facto, a bola ter entrado dentro das balizas do Ramaldense, no decorrer de certa jogada da 2.ª parte do encontro; mas se o árbitro afirma que não e o juiz de linha o corrobora, não há solução, muito embora 100 ou 500 espectadores digam o contrário. Custa perder um encontro, e até uma posição, por um lapso — se é o que houve! — da parte do juiz de campo. O assunto é grave, incontestavelmente, e o Académico usa de todos os meios ao seu alcance para conseguir vencer a descida. Mas parece que o faz sem êxito.

Aguardemos qual a decisão tomada numa das mais graves emergências que o clube do Lima tem atravessado na sua vida cheia de glórias.

Quem porfia...

Embora não esteja dita ainda a última palavra sobre o assunto — pelo menos no momento em que escrevemos... — a verdade é que, finalmente, o Ramaldense conseguiu obter o seu ingresso na 1.ª divisão regional.

É justo pôr em foco o que leve de tenacidade, persistência, de vontade indomável, a subida do Ramaldense à «divisão maior».

Épocas seguidas levaram os rapazes de Ramaldense a tentarem subir de divisão, batendo-se contra o Leça e contra o Boavista. De todas elas foram infrutíferos os seus esforços. Mas veio uma hora «boa» e as esperanças concretizaram-se.

Pela sua energia, o Ramaldense merecia esse prémio. É um clube com tradições, viveiro de grandes jogadores de futebol, que outros clubes chamaram a si e fizeram brilhar. Noutras modalidades, como por exemplo no «hockey» em campo, o Ramaldense é grupo cotadíssimo.

Ao saudar o seu triunfo, queremos unicamente significar que, pelo seu esforço, perseverança, tenacidade, conseguiu o justo prémio que lhe foi atribuído.

'Atlétismo da semana

Os campeonatos universitários

ESTREARAM-SE nos meados da semana passada as provas de competição em pista, com os campeonatos universitários de Lisboa, organizados pela Inspeção respectiva da «Mocidade Portuguesa».

Os resultados foram de modo geral interessantes, apesar da época demasiado precoce, que não permite aos atletas apresentarem-se em forma suficiente.

No entanto, isso não impediu que o aluno do I. N. E. F., Santos Vieira, melhorasse o «record» nacional universitário do salto à vara com um esplêndido pulo de 3,53m, que entra nas tabelas do atletismo nacional como a terceira das melhores marcas portuguesas e nos alimenta a esperança de possível ataque vitorioso ao «record» absoluto do saudoso Fernando Boaventura.

No rol dos vencedores não figura nenhuma revelação: Manuel Nuncio, Costa Pereira, Seródio Gomes, Homero Reis, João Mendonça, Fernando Ferreira e Lúcio Ribeiro são atletas de cartel nas provas clínicas; Gil Paiva e J. Castel-Branco, especialistas mais própria acadêmicos, eram já campeões do ano passado.

Entre os classificados merecem ser referidos os nomes, novos da modalidade, de Pimentel, Gabeças Coelho, Moura Fernandes e Enes Ferreira, porque estes rapazes mostraram de facto possibilidades interessantes.

Se a primeira jornada decorreu em condições atmosféricas favoráveis, o contrário sucedeu na sexta-feira; o vento soprava fortíssimo do sul, em sentido contrário aos lançamentos e à recta dos 100 metros, e começaram de meio programa em diante fortes aguaceiros que prejudicaram muito os saltadores em altura e comprimento.

A organização decorreu na melhor ordem e perfeita regularidade, com permanente simultaneidade de corridas e concursos; apenas chama reparo especial a liberdade de participação consentida pelo regulamento.

Subordinado o concurso à necessidade de uma classificação colectiva por pontos, manifestou-se por parte das escolas com maiores pretensões a condenável tendência para abusar da colaboração dos seus atletas mais completos. Consideramos indispensável, quando haja a impossibilidade de eliminar a pontuação de equipas, estabelecer o número de provas que cada concorrente pode disputar por dia, ou na totalidade, quando se trate de torneio em duas jornadas consecutivas.

O campeonato nacional de júniores de corta-mato

A Associação Portuguesa de Atletismo recebeu no domingo um prémio justo aos seus esforços de organização e estímulo metódico das práticas regionais, com a celebração, que lhe foi confiada, do campeonato nacional de corta-mato da categoria dos júniores.

A prova decorreu com toda a regularidade, em percurso relativamente fácil, mas trouxe forte desilusão para as aspirações portuguesas.

A equipa do Benfica, vencedora do campeonato do sul, classificou quatro dos seus homens nos primeiros lugares e deu prova de absoluta superioridade individual e colectiva. Venceu Aires da Silva, com bela prova, mas beneficiando de um percalço sucedido a Oliveira e Silva, que rasgou numa queda uma algarata e se atrozou muito a mudar de calçado.

O campeão português Carlos Miranda foi vítima de incompreensível imprevidência e nem concluiu o percurso: ou porque os sapatos lhe não eram apropriados, ou porque os trazia mal calçados, apareceu a meio da prova com os pés nus e não aguentou as asperezas do terreno.

SALAZAR CARREIRA

Todo o desportista deve assinar a revista STADIUM

O BENFICA

que está perto dos 15 mil sócios, pensa na construção do seu estádio

LEVES rumores têm permitido notar que alguma coisa de muito importante prende as atenções dos dirigentes do Benfica.

A notícia é agradável e o «caso» está absolutamente dentro do grande desenvolvimento que o clube atingiu.

A popularidade do Benfica é dos aspectos mais curiosos do nosso meio desportivo. Existe em redor de toda a actividade do clube forte ambiente de entusiasmo e dedicação, que é diferente do de todas as outras colectividades. O Benfica criou-se e desenvolveu-se pelos tempos fora com todas as suas atenções fixas no povo. Este escolheu-o para seu eleito, elevou-o com os seus vibrantes aplausos, agitou com alegria a bandeira de cor gritante sobre a qual assenta o emblema sugestivo.

Houve desde sempre a paixão de engrandecer o clube. Assim têm decorrido os anos — o prestígio a consolidar-se sempre mais. A grande prova da popularidade pertence ao Benfica — caminha para os 15 mil sócios! — e o clube tem de acompanhar os interesses de tão grande população associativa. As suas instalações desportivas são já acanhadas. O Campo Grande não está à altura do crescente desenvolvimento do clube. Isto, que todos reconhecem, está merecendo atenção cuidada aos directores do Benfica, agora com a figura prestigiosa de Felix Bermudez à sua frente.

A grande necessidade do Benfica — a construção de um estádio — parece que vai finalmente ser um facto. A ideia, se bem que antiga, tem de assentar em bases novas. Deixou-se de pensar nos terrenos do Campo Grande — dimensões acanhadas para o fim em vista, com a agravante de uma situação pouco tranquila em face do plano de urbanização da cidade.

Os projectos de agora começaram circulando entre o «diz-se» e o «consta».

As informações que chegaram até nós indicaram-nos que aparecera o terreno ideal para erguer a grande obra — o que existe entre a rotunda do Arriero avenida e a Alferes Malheiro, local cuja cedência o Município assegurava.

E obtivemos mais pormenores. O estádio benfiquense seria de edificação

grandiosa, com lotação para 50 mil pessoas — 20 mil lugares reservados aos sócios.

No entanto, na ideia de colhermos uma informação oficial, passámos pelo Benfica. A amabilidade e o bom acolhimento de Felix Bermudez, rodeando sempre as suas palavras de cativante bom humor, receberam cavalheirescamente a Stadium. Alguma coisa de verdade trouxe-nos para dizer aos nossos leitores.

— De certeza, o que existe é a necessidade do clube pensar definitivamente nas suas instalações desportivas — disse-nos o homem que ajudou a conquistar o primeiro troféu ganho pelo Sport Lisboa e Benfica.

«Em última análise podemos informar que a Câmara Municipal nos chamou para de comum acordo tratarmos da escolha do terreno na parte nova da cidade. De facto, a Câmara indicou-nos esse terreno da avenida Alferes Malheiro, mas é muito acidentado. Por isso, e por agora, o estudo do local continua.

— E será o projecto antigo?

— Não pode ser. De antão para cá o clube tomou proporções tais que já não pode servir.

— A quem confiarão o novo projecto?

— Ao sr. engenheiro Pires Ventura; mas por enquanto é só esboço, pois que o projecto definitivo terá de ser condicionado às características do terreno que nos for cedido. Nesse «apontamento» apenas se marcam as principais instalações. Quere dizer, o esboço serve para demarcar o espaço de terreno que julgamos necessário.

— É de facto urgente o estádio do Benfica...

— Urgentíssimo. A população associativa aumenta de forma tal que quasi nos «assustam». A média actual de admissão de sócios é de 100 por semana!

O illustre escritor e desportista mostra-nos o último cartão de identidade que acabou de assinar: o número 14.953! E a fechar:

— Temos sede em Benfica, no Campo Grande e aqui, no centro da baixa, — e nada disto chega!

Despedimo-nos, tanto mais que o presidente do Benfica, com magnifica jovialidade, queria ainda ir jogar uma «partidinha» de «tennis» de mesa...

FERNANDO SÁ

Os Júniores da A. F. L.

ESTÁ prestes a terminar a primeira fase do campeonato de júniores da A. F. L.

A boa regularidade das jornadas anteriores não se verificou, pois o programa comportava onze desafios e só se realizaram nove. E embora alguns desafios verificados não fossem os que se esperavam, o certo é que as posições dos primeiros classificados de cada série não sofreram alteração. A margem de pontos dos «leaders» e «sub-leaders» era já tão clara que não foi possível apertar a sua invejável situação.

As dúvidas quanto à constituição do sexto dos finalistas subsistiam a oito dias da conclusão das «poules» eliminatórias, pelo que diz respeito aos segundos das 1.ª e 3.ª séries: Belenenses ou Estoril? Belenenses (A) ou Benfica (B)? E qual será o vencedor da 2.ª série: Sporting ou Benfica? Nisto se resume o interesse da prova no declinar da sua primeira fase.

Os encontros da 1.ª série não perderam as suas habituais características. Resultados pouco expressivos a denotar certo equilíbrio de forças.

A nota saliente está na derrota do Atlético, vencedor da série. É a primeira vez que os alcantarenses são batidos. Mas o resultado não destrua se atendermos ao que os estorilenses têm feito. Os «cazuis» da equipa (B) venceram bem a dificuldade da ida a Oeiras e o Paredo obteve excelente vitória sobre o C. U. F., que denuncia declínio de forma. O jogo Paço de Arcos-Cascais era o mais importante, pois decidia o último lugar.

A derrota do Arroios, em sua casa, e o empate imposto pelo Casa Pia ao Sporting, no campo deste, são resultados que que prendem a atenção. Há que salientar, portanto, os seus adversários, respectivamente a Cascais e o Casa Pia, o primeiro a evidenciar melhoria, que chegou tarde, e o segundo a demonstrar a irregularidade da época.

O Palmense, jogando fora, alcançou boa vitória sobre o Desportivo Operário, que parece condenado ao último posto. Lamentável a falta de comparência do Futebol Benfica, mais sensível por se registar no dia do aniversário do clube.

Na 3.ª série só se efectuaram dois encontros. O Benfica (B) derrotou o G. D. da C. P. por 3-0 e o Fátoroso bateu o Operário por 3-0 — o melhor resultado da jornada. No outro desafio previsto, o Sacavenense viu a sua tarefa facilitada, pois o Chelas não apareceu. O Benfica e o Fátoroso venceram com justiça.

O campeão FRANCISCO LUPI

(Continuação da página 3)

— Sim! Creio firmemente na nossa reabilitação em Madrid. É uma questão de estudo e preparação. A equipa pode ser reforçada com um ou outro elemento, por ventura mais capacitado. A «afición» espanhola ficará talvez surpreendida ao verificar que, ao contrário do que diz Agustín, os portugueses vêm alguma coisa mais do que três lances da partida e não sofrem de um «complexo de inferioridade» frente ao adversário espanhol... Não de concordar também que o nosso João Mário é um jogador mais completo do que Arturito Pomar.

E descendo já a larga escada da Sociedade de Geografia:

— Aguardo com ansiedade o momento da desforra. É com o maior prazer que me bateirei de novo com António Medina!

VASCO SANTOS

Ano III—Lisboa, 28 de Março de 1945—II Série—N.º 121

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da

SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º

TELEFONE 5 1146—LISBOA

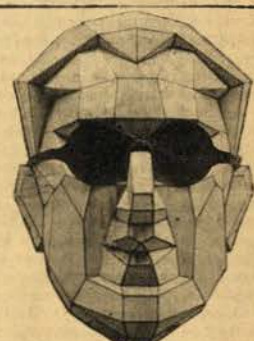
Execução gráfica de NEOGRAVURA, LDA.—LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

CLISSMO Qs 100 Klms. CLASSICOS



1 — Em Santa Suzana, Lourenço e Lopes comandam o segundo pelotão, que persegue Aristides e Ferreira; 2 — Debaixo de chuva, os corredores pedalam a caminho da Ericeira; 3 — Ferreira e Aristides no momento em que fogem aos adversários, perto de Belas; 4 — Depois de haver mudado duas vezes de máquina, Aristides sofre nova avaria — e é passado então pelos seus perseguidores; 5 e 6 — Amândio e E. Marques ganham em iniciados e amadores; 7 — No Pôrto disputaram-se os 100 quilômetros contra relógio: Império dos Santos vai partir para mais uma vitória.



**GIL
OCULISTA**

FUNDADA EM 1865
Depositária das lentes "ZEISS"
Binóculos, Termómetros
Bússolas de marcha, etc.
Aparelhos de Precisão
138, RUA DA PRATA, 140
Telefone 2 2629 LISBOA